



Obama e as exportações brasileiras

A vitória de Barack Obama nas eleições americanas e a continuidade da crise financeira internacional nos levam a pensar sobre quais serão os pontos mais importantes da agenda desse presidente jovem que assumirá em meio a tantos problemas econômicos e geopolíticos. Suas propostas como candidato foram atropeladas pelo

caos financeiro na reta final da campanha. Idéias para fortalecer a classe média e realinhar a política externa — mudando as prioridades no Oriente Médio e procurando uma posição menos isolacionista e belicosa — ficaram para trás diante do recrudescimento da crise.

Por outro lado, a história mostra que os democratas, mais ligados ao movimento sindical, tendem a adotar uma política comercial protecionista, enquanto os republicanos, mais liberais em relação a esse ponto, usualmente são favoráveis à abertura do comércio internacional. As pressões protecionistas sobre a economia dos Estados Unidos em decorrência do agravamento da crise e do contágio da economia real, com redução de empregos e mais empresas com dificuldades financeiras, notadamente do setor automotivo, podem indicar poucas esperanças para os empreendedores brasileiros que exportam. Nesse sentido, é difícil imaginar que as vendas ao mercado americano possam se ampliar durante o governo Obama.

No entanto, existe igualmente uma tendência contrária, representada pelas seguidas manifestações favoráveis pela manutenção e ampliação das conquistas da globalização como forma de reagir à crise internacional e criar condições para o progresso do

comércio multilateral. As reuniões de ministros da Fazenda e presidentes de Bancos Centrais de vários países, em novembro, em São Paulo, e de chefes de Estado do G-20, em Washington, logo depois, mostram a necessidade e a intenção de encontrar uma solução de consenso.



É difícil imaginar que as vendas ao mercado americano possam se ampliar durante o governo de Barack Obama

A reestruturação do sistema financeiro internacional e a ampliação da abertura dos mercados adquirem uma grande relevância, constituindo-se em meio para a retomada do crescimento econômico vivenciado entre 2003 e 2007, interrompido pela eclosão dos problemas no segmento imobiliário americano. Será necessário estruturar novas formas de supervisão bancária que abranjam todos os mercados, mitigando riscos operacionais e sistêmicos, para que seja possível continuar o processo de globalização. Paralelamente, será preciso retomar as negociações da Rodada de Doha, suspensas no último mês de julho, devido à falta de acordo com relação aos bens agrícolas. Iniciada em 2001, a Rodada de Doha envolve mais de 150 países e visa à diminuição das barreiras comerciais no mundo todo.

Até que isso aconteça, o exportador brasileiro deve intensificar as alternativas comerciais que surgiram em decorrência da diversificação promovida nos últimos anos. As vendas para os Estados Unidos caíram de 25% do total das nossas exportações, em 2001, para 16%, em 2007, apesar de o volume absoluto ter aumentado. Ou seja: as exportações brasileiras hoje crescem de forma mais pulverizada e menos dependente do mercado americano. Esse caminho tem de continuar a ser trilhado. Enquanto aguardamos a posse de Barack Obama e mudanças na agenda de Washington, devemos buscar mais parceiros para superar as dificuldades do momento. ←

*THARCISIO BIERRENBACH DE SOUZA SANTOS é economista, doutor em História Econômica, vice-diretor da Faculdade de Administração da Fundação Armando Álvares Penteado e diretor do FAAP-MBA. E-mail: tsantos@faap.br